

Washington abandona conferência

Direitos Humanos

Israel também se retira, por polêmica sobre condenação ao sionismo

Chris Romlinson/AP
de Durban

Os EUA e Israel retiraram-se ontem da Conferência Mundial contra o Racismo, denunciando as iniciativas para condenar Israel, no documento final do encontro, que se encerra na sexta-feira. Em um comunicado distribuído em Durban, o secretário de Estado americano, Colin Powell, que permaneceu em Washington, denunciou a "linguagem ofensiva" do rascunho da declaração. "Hoje dei instruções aos nossos representantes na Conferência Mundial contra o Racismo para que regressem. Assumi essa decisão com pesar, devido à importância da luta internacional contra o racismo e à contribuição que esta conferência poderia ter dado ao tema", afirma o comunicado.

O secretário geral da ONU, Kofi Annan considerou "lamentável" a retirada dos EUA. "Sob tais circunstâncias, todos os países deveriam participar dos debates", disse ele, durante visita a Ruanda.

O chanceler israelense Shimon Peres anunciou em Israel que seu país

também saía, por causa dos comentários antiisraelenses e anti-semitas que constam da proposta de declaração. "A Conferência de Durban é uma farsa", disse Peres. "A Liga Árabe liderou uma iniciativa conjunta para isolar Israel e responsabilizar o país, em termos inaceitáveis, pelo conflito árabe-israelense", disse ele.

Logo depois do anúncio americano, várias centenas de manifestantes irados protestaram fora do centro de conferências, gritando "Vergonha, Vergonha, Estados Unidos".

O documento preliminar admite "com profunda preocupação o temor de práticas racistas de sionismo" e diz que "o sionismo se baseia na superioridade racial". Israel é o único país mencionado especificamente no texto, que o acusa de "práticas de discriminação racial".

Essa é a terceira conferência mundial sobre o racismo, mas a primeira da qual os EUA e Israel participam. Os dois países boicotaram as de 1978 e 1983 em parte por causa de uma mesma linguagem antiisraelense. A Noruega e o Canadá tentaram mediar

concessões entre os países árabes e Israel na declaração preliminar. Os EUA participaram das negociações.

O embaixador palestino Salman el Herfi disse que as delegações árabes haviam sido razoáveis, mas a delegação dos EUA recusou-se a fazer concessões. Herfi acusou os EUA de abandonar a conferência devido à sua própria recusa em aceitar a responsabilidade pela escravidão e pelas injustiças praticadas contra índios.

Na África do Sul, sede da conferência, a Alta Comissária da ONU para Direitos Humanos, Mary Robinson, secretária-geral da conferência, disse em comunicado que lamentava a decisão dos EUA. "No entanto, acredito que a jornada que iniciamos deva continuar até o final, a fim de obtermos um resultado de sucesso", afirmou em um texto oficial.

O reverendo Jesse Jackson, que participa do encontro como membro do Fórum da Liderança Negra, disse estar desapontado com o fato de o presidente Bush ter permitido que o debate sobre Israel determinasse se os EUA participariam ou não.